

A FEB e a Criança — 50 anos

A tarde do dia 14 de Junho de 1914, aconteceu, no venerando prédio da Av. Passos, onde havia pouco mais de dois anos se instalara a sede própria da Federação Espírita Brasileira, uma cerimônia invulgar em todo o mundo espírita. D. Ilka Maas, dedicada e valerosa consóror, proferia a aula inaugural da então recém-instalada Escola Dominical de Doutrina Cristã, denominação que recebeu o recinto de ensino espírita à infância, no ato de sua abertura.

No ambiente alvissareiro, onde se viam alguns membros da Diretoria da Federação e inúmeros consócios, dezesseis crianças escutavam, enlevadas, a sugestiva preleção da Orientadora, vazada numa linguagem correta e desprentensiosa, concisa e clara, perfeitamente ao alcance de suas mentes.

Discorrendo sobre Deus e os nossos deveres para com Ele, ressaltando o ensino máximo de Jesus, contido no preceito — amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos — fê-lo a preceptora de tal modo que impressionou singularmente a assistência, suscitando o seguinte registo em "Reformador":

"Pelo que assistimos podemos augurar do precioso empreendimento os melhores frutos" (1)

O acontecimento, todavia, não resultou de subitânea execução, nascida num simples lampejo desse ou daquele Confrade de maior descortino idealístico. Radicava-se em alevantado projeto dos Espíritos Superiores, traduzindo-se em antiga e nobre aspiração da FEB, que apenas aguardava o momento azado e as circunstâncias favoráveis para levar a cabo tal desiderato.

Antes, cumpria-lhe executar tarefas intransferíveis e importantes no bem delineado programa que se traçou e nos deu, nos dias atuais, entre outras coisas de inestimável valor, esse portentoso minarete de Luz que é a Casa de Ismael.

A Federação, fundada a 1 de Janeiro de 1884, somente vinte e oito anos depois veio ter a sua sede própria, inaugurada a 10 de Dezembro de 1911, tendo funcionado em nada menos de nove locais diferentes, sempre lutando com carência de espaço para a sua instalação condigna.

O terreno da infância, contudo, jamais foi relegado ao abandono. Bem cedo a FEB procurou trabalhá-lo, num verdadeiro esforço de arroteamento, preparando-o à futura sementeira, cuidando, antes de mais nada, dos recursos indispensáveis ao início efetivo da tarefa.

Compreendendo que a primeira iniciativa deveria ser a formação de uma literatura infantil, lançou ela, em 1901, a primorosa obra de Bittencourt Sampaio — "De Jesus para as crianças."

Antônio Lima, cujo nome há-de ficar entre o dos pioneiros e paladinos da evangelização da criança no Brasil, quicá no mundo, começou a publicar nas páginas venerandas de "Reformador", em Janeiro de 1904, uma série de trabalhos numa secção denominada "DIALOGOS", onde desenvolvia sugestivas e atraentes historietas, nos moldes didáticos dos melhores educadores, primando pela simplicidade de estilo e clareza de linguagem, que alcançavam a mente infantil de modo fácil e agradável. Tais historietas, intituladas "Evangelho das Crianças", mais tarde foram reunidas em livro, obtendo tanta aceitação que se esgotou da noite para o dia.

A 31 de Dezembro de 1904, no memorável ano do Centenário Kardequiano, pronunciou Antônio Lima, na tribuna da FEB, importante conferência sobre a "Educação da Infância sob o ponto de vista espírita", iniciando-a com as seguintes palavras:

"Numa época em que a educação das crianças sob o ponto de vista espírita deve ser o problema de todos os pais, como necessidade mais imediata e urgente, eu

creio que todos vós, meus caríssimos irmãos, haveis de tolerar-me a ousadia de ser o primeiro a encadear algumas noções nesse sentido, esperando do vosso critério e do vosso grande amor pela nossa causa comum modificardes e melhorardes as ideias que tenho a satisfação de vos apresentar." (2)

Já em 1915, ainda desse valoroso missionário, publica a FEB o livro "Espiritismo na Infância", no qual se conjugavam, primorosamente, o ensino filosófico com a moral cristã, descortinando à imaginação infantil as noções da verdadeira vida, obra de muita intuição, escrita na mais singela das linguagens, cujo mérito melhor outro não poderia haver senão o franco êxito com que foi acolhida, esgotando-se rapidamente.

Por aí se vê que a criança nunca deixou de ocupar as atenções da Casa de Ismael; e, num artigo publicado em "Reformador" de 16 de Novembro de 1926, confessa o citado escritor que de há muito tempo alimentava o propósito de escrever um "Primeiro Livro de Leitura" destinada às crianças de 5 a 8 anos, e em cuja contextura faz desfilar fatos ocorridos em um lar honesto e também fora dele, tanto uns quanto outros observados por uma criança vivaz e perscrutadora que se apraz em registá-los num "Diário", acompanhados de comentários evangélico-doutrinários feitos por sua própria mãezinha.

Esse livro, publicado em 1927, era o primeiro de uma série de três, sendo os outros dois: o "Segundo Livro de Leitura", destinado às crianças de 8 a 12 anos, que era o "Evangelho das Crianças", reeditado e acrescido de novas historietas morais, e o "Terceiro Livro de Leitura", nova edição corrigida e melhorada do "Espiritismo na Infância", para crianças mais desenvolvidas.

Sobre tão significativo trabalho que lhe fora cometido, assevera Antônio Lima, desfazendo quaisquer equívocos acerca da sua concepção e programação:

"Todas essas páginas, cujos assuntos antes de tomar o lápis eu não havia concebido, como ainda não concebi o seu seguimento, saem fluentes e sem torturas de locução, deixando-me por vezes maravilhado com o desfecho que a mim próprio me surpreende. Isso, de resto, não me vangloria, sabendo-me médium inspirado incapaz de, por mim mesmo, produzir obra sofrível." (3)

Interessante é também o depoimento de Manuel Quintão, referindo-se ao esforço daquele generoso benfeitor da infância:

"O confrade familiar das musas, que escreveu Halos, que publicou "O Espiritismo na Infância", o "Evangelho das Crianças" e a "Mediunidade e os Médiums" e há cerca de trinta anos colabora galharda e ativamente na imprensa doutrinária, não poderia nem deveria esquivar-se ao impulso de um tentame como este, e, da forma por que o realizou, nos coloca em dianteira de outros povos de mais difusa cultura, inclusive a pátria de Kardec, centro de irradiação doutrinária." (4)

De tudo isso resulta-nos a fácil conclusão de que o problema educacional da criança, dentro do Espiritismo, tem suas raízes na orientação do Plano Espiritual, que, como de costume, serviu-se da Casa Mãe do Espiritismo no Brasil para a sua perfeita execução.

Assim, chegada a ocasião, deliberou a Diretoria da FEB inaugurar a sua Escola de Evangelho, convidando para regê-la a distinta e dedicada Irmã D. Ilka Maas, que, auxiliada por sua filha, cujo nome não figura nos registos da época, entregou-se de alma e coração à grande tarefa, constituindo-se o feito o primeiro no gênero em todo o mundo espírita, cabendo ao Brasil a primazia de ampliar, dessa forma, a ação benfeitora do Espiritismo à sofredora Humanidade.

No primeiro ano de existência foram ministradas

aulas evangélicas a cerca de 36 crianças, com tal sucesso que a proficiente Orientadora assinalou, jubilosa, no seu relatório à Diretoria da FEB: "houve grande aproveitamento."

D. Ilka Maas, todavia, somente durante aquele ano pôde desincumbir-se da magnífica tarefa, obrigada como se viu a afastar-se da Capital em busca de restauração para o seu precário estado de saúde.

Substituiu-a D. Maria Eugênia de Lima, competente professora jubilada a cujos conhecimentos e métodos pedagógicos aliava um grande coração e, em grau máximo, sólidos conhecimentos doutrinários.

O curso prosseguiu, sob as blandiciosas inspirações do Alto, prodigalizando as bênçãos evangélicas nos tenros corações infantis, coadjuvado pelo trabalho proficiente de "Reformador", que jamais se cansou de lembrar aos pais a necessidade dessa educação de seus filhos, despertando semelhantes iniciativas entre as Associações Espíritas do Brasil, animando-as a fundar escolas e mais escolas para a infância.

Encontrando eco no seio da Família Espírita, não tardou que o movimento iniciado pela FEB se expandisse por todo o País. Era, finalmente, a reconfortadora vitória dos ingentes esforços dos trabalhadores pertiñazes da primeira hora, cujo maior galardão se resumia na imensa alegria que tal vitória lhes proporcionava, incentivando-os a não se deterem na luminosa jornada. "Lançadores que fomos da ideia, não nos envaidecemos por isso." Este o comentário de "Reformador" de 1 de Novembro de 1915, compartilhando a satisfação geral.

D. Maria Eugênia de Lima, a seu turno, não pôde continuar senão por três meses à frente do abençoado labor de evangelização infantil, retirando-se para Vasouras à procura de melhoras para a saúde bastante abalada, sendo substituída por D. Rítilia Moreira de Sá, distinta professora catedrática da Escola Normal e dedicada servidora da Doutrina.

O trabalho encetado em 14 de Junho de 1914 prosseguiu vigoroso e produtivo, vencendo todos os percalços que se lhe antepunham, graças à boa vontade e verdadeiro espírito de serviço de intímatos colaboradores da Seara e, sobretudo, ao inexcedível amparo dispensado pelo Alto, cuja presença se fez sentir pelas dulçorosas irradiações de Amor que entornava em todos os corações, como se esse sentimento resultasse da portentosa fusão de todos os maternos corações do Mundo Espiritual.

Ao mesmo tempo, desenvolvia-se uma literatura infantil que colocava nas mãos dos preceptores os melhores recursos de que poderiam, sem maiores dificuldades, utilizar-se, facilitando-lhes enormemente as tarefas.

Inspirado nesse nobre empreendimento lançado pela FEB, o Conselho Federativo, reunido em Outubro de 1926, dedica uma de suas teses à questão, precisamente a de número 11, intitulada "Noções de Espiritismo para as crianças", onde incentiva a Federação Espírita Brasileira a continuar no trabalho até então desenvolvido, encarecendo-lhe a necessidade de indicar às Sociedades adesas os meios de realização dos cursos então aconselhados, bem como as obras mais aceitáveis, estimulando a lavra e publicação de outras.

Vale destacarmos as seguintes considerações dessa tese que teve por proponente o Centro Espírita "Amor e Caridade", de Vitória, Estado do Espírito Santo:

"Nessas mesmas escolas, devem ministrar-se às crianças que o queiram, e cujos pais consintam, noções de filosofia espírita, genuinamente espírita, tendo-se naturalmente o cuidado de não ensinar o que estiver acima da capacidade intelectual do aprendiz. Não temos necessidade de escrever livros para isso, porque eles já existem." (5)

Dentre os livros indicados estão: "Catecismo Espírita", de Léon Denis; "O Espiritismo na Infância", de Antônio Lima; e, como obra de conhecimentos complementares, "Iniciação Astronômica", de Flammarion

Um ano após a reunião do Conselho Federativo, isto é, em 1927, a Livraria Editora da Federação Espírita

Brasileira dava a lume, traduzido da 5.^a edição francesa, oferta de F. F., o opúsculo de A. Bonnefoué, "Lições de Espiritismo para as Crianças", que foi largamente divulgado e distribuído graciosamente pelas então denominadas "Aulas de Moral Cristã", primitivo nome das atuais "Escolas de Evangelho", muito contribuindo para incrementar e favorecer o ensino espírita-cristão à infância. De então por diante, novas edições foram-se sucedendo de ano para ano, sempre esgotadas com rapidez, não obstante a grande tiragem de cada uma delas, tal e tanta era a sua procura por parte dos núcleos em funcionamento.

Prosseguindo, sem contramarchas, a execução do seu programa, já pelos meados de 1932 podia a FEB registrar a existência de 50 Grupos, Asilos e Federações, todos ligados ao Espiritismo, que já haviam instituído em suas sedes o ensino espírita à criança.

No primeiro domingo de Maio de 1946, ante o sorriso e a alegria de muitas crianças que lotavam o recinto augusto do prédio da Av. Passos, o Dr. Carlos Lomba assumia a direção da Escola de Evangelho da FEB.

Espírito compenetrado e empreendedor, imprimiu-lhe desde logo um novo ritmo de trabalho que a fez tomar vigoroso e produtivo impulso e crescer em atividades.

Em 27 de Maio de 1951, a antiga Escola Dominical de Doutrina Cristã, que há muito vinha sendo carinhosamente chamada Escola de Evangelho da Federação, passou a ser conhecida pelo doce e sugestivo nome Escola de Evangelho Maria de Nazaré, transferindo-se para recinto mais apropriado, dotado de todos os recursos disponíveis, de modo a que os pequeninos pudessem, cômoda e alegremente, receber os sublimes ensinamentos do Excelso Amiguinho de todas as crianças — Jesus!

Esse acontecimento era precedido de outro, não menos significativo — o lançamento editorial do "Programa de ensino para as Escolas de Evangelho segundo a Doutrina Espírita", levado a efeito em Dezembro de 1950, tendo sido, então, enviado um exemplar acompanhado de outro de "Síntese do Novo Testamento" da autoria de Minimus, a todas as "Aulas de Moral Cristã" de que se tinha notícia na época.

Tratava-se de trabalho organizado pelo Departamento de Infância e Juventude da FEB e aprovado pelo Conselho Federativo Nacional, que lhe recomenda a adoção às Sociedades Espíritas, no item 29 de "PRECEITOS GERAIS pró-unificação do Espiritismo Nacional".

Assim é que a Escola de Evangelho Maria de Nazaré, dadas as suas condições próprias de organização e funcionamento, se constituiu em modelo ou padrão para todas as demais existentes pelo Brasil afora. Organizada e completa do ponto de vista do equipamento, sempre foi e continua sendo. De suas preciosas nascentes promanaram as copiosas caudais que hoje fertilizam cristãmente milhares de coraçõezinhos infantis e fecundam as mentes de quantos beberam em seu manancial, originariamente, as primeiras orientações no trato dos assuntos de formação intelecto-moral da criança, do ponto de vista evangélico-doutrinário.

Por nove anos consecutivos permaneceu Carlos Lomba à frente daquele reduto de evangelização infantil.

Em 1954, sob as aurifulgentes inspirações do Natal do Senhor, em tocante solenidade no salão nobre da Casa de Ismael, aquele intímato Irmão entregou ao Departamento de Infância e Juventude da FEB a direção da abençoada Oficina de Amor Cristão, traduzindo sua confiança e desprendimento nas seguintes palavras:

"Moços do Departamento de Juventude da Casa de Ismael: eis aí, neste Natal que hoje comemoramos, o legado que vos deixo — a Escola de Evangelho Maria de Nazaré. Velai por ela, fazei-a crescer e progredir; velando por ela e amando-a, estareis velando e amando as crianças, estareis preparando os vossos substitutos para o Departamento de Juventude, como muitos de vós já vos encontrais preparados para substituir os velhos que militam na direção da Casa Mãe do Espiritismo no Brasil." (6)

De então por diante, passou a funcionar sob a

assistência e orientação de nossa Secretaria de Assuntos Infantis, com ela trabalhando de comum acordo. Esta, sem fuga à sua justa posição dentro do cenário espírita nacional, mantém-se fiel à linha de atuação que se traçou, de esclarecer e orientar, contribuindo incansavelmente para o enriquecimento de consolidação do patrimônio de experiências das suas congêneres estaduais.

Como supervisora da Evangelização da Criança, este órgão auxiliar do Departamento de Infância e Juventude da FEB tem-se desdobrado ao máximo, fazendo o que pode e o que deve: fornece aos interessados as diretrizes básicas, de modo a apontar-lhes um roteiro certo, simples e profícuo. O "Programa de ensino para as Escolas de Evangelho segundo a Doutrina Espírita", por ela revisto, refundido e melhorado (já agora em processo de nova revisão) apresenta a singularidade de poder acomodar-se às expressões mínimas quanto de ampliar-se a proporções máximas, comprimindo-se e elastecendo-se de acordo com as possibilidades intelectuais de cada um, atento, assim, ao grau de alcance de todos, do mais ao menos favorecido de conhecimentos.

Assim é que a Secretaria de Assuntos Infantis do Departamento de Infância e Juventude da FEB estimula as manifestações construtivas de méritos em estado embrionário, transformando-as em forças criadoras, individual e coletivamente consideradas, com incrementação de fecundas sementeiras de trabalho e florescência de novos valores surpreendentemente revelados.

Neste particular, nosso mensário — "Brasil-Espírita" — vale por inestimável repositório de ensinamentos, ocupando-se de todos os assuntos relacionados com a matéria, em doses metódicas e progressivas, de modo a oferecer solução segura e satisfatória aos problemas dos companheiros, quer se achem longe ou perto de seu raio de ação, quer estejam a qualquer altura do seu curso de atividade evangélico-doutrinária.

Em 1956, atendendo a um imperativo das circunstâncias, resolvemos aperfeiçoar aquele curso abençoado e, valendo-nos dos substanciosos elementos colhidos na longa experiência da Escola, dividimo-lo nos três seguintes Ciclos: Jardim da Infância, destinado às crianças de 4 a 6 anos; Primário, para as de 7 a 9 anos, e Intermediário, abrangendo as de 10 a 12 anos.

Cada Ciclo foi instalado em sala apropriada, cuidadosamente mobilada e aparelhada, revendo-se os programas de cada um, de modo a obtermos os melhores resultados na aprendizagem por parte dos alunos, e que os mesmos, ao passarem de um para outro Ciclo, encontrassem a continuação lógica e acertada de seus sublimes estudos.

Mais tarde, em 1958, indo ao encontro do crescente interesse da petizada e desejosos de propiciar-lhe um novo meio de se exercitar no esforço próprio, criámos um jornalzinho interno da Escola (jornal mural), intitulado "Pequeninos de Jesus", no qual temos tido a indescritível alegria e inaudita ventura de contar com as mais candidas e mimosas composições, todos os alunos se movimentando na colaboração, de tal maneira que nos vimos obrigados a estabelecer um sistema de rodízio, sob pena de termos, ao invés de simples jornal mural, uma alentada revistinha sem muro nem parede, inteiramente da lavra infantil.

Continuando em sua progressiva expansão, a Escola de Evangelho Maria de Nazaré, a partir de Dezembro de 1960, teve as suas Normas de Trabalho (Regulamento) aprovadas, cuja publicação em nosso periódico começou em Fevereiro de 1961 e terminou em Outubro do mesmo ano, para efeito de divulgação maior de suas experiências, oferecendo a outras tantas Escolas de Evangelho disseminadas pela hinterlândia brasileira os frutos sazonados colhidos em porfiados anos de lutas e labores.

Como um desdobramento necessário e natural de suas atividades, instituímos em Junho de 1962 as Reuniões de Pais e Orientadores, indispensável complemento do Ciclo de Preparação de Orientadores que de longa data funciona às terças-feiras, das 19,00 às 20,30 horas, em uma das salas de nossa Escola, sob a supervisão da

Secretaria de Assuntos Infantis. O novo quadro de tarefas instaurado visa a aproveitar as preciosas experiências do Lar, em seus abençoados esforços, junto à mente infantil, procurando a Escola de Evangelho, em compensação, penetrar com seus salutares ensinamentos no sacrossanto recesso dos ninhos domésticos, mobilizando para tanto os préstimos e serviços dos próprios genitores dos alunos, num perfeito entrosamento de meios e fins. Sublime inspiração que somente do Plano Maior nos poderia ter ocorrido: a Escola de Evangelho figurando como a continuação resplendente do Lar, e este o prolongamento verdadeiramente providencial da Escola de Evangelho na vivência e convivência dos pequeninos de Jesus, fora dos seus pórticos sagrados.

Contudo, em nossas perscrutadoras observações, uma dificuldade ainda desafiava as nossas possibilidades de solução. Enquanto, ao transferir-se de um Ciclo para outro, as crianças o faziam naturalmente, como se tão somente houvessem trocado de sala, sem manifestar nenhuma estranheza nem sofrer o impacto de qualquer inibição, o mesmo não sucedia quando uma delas deixava a Escola de Evangelho para ingressar propriamente dito numa Mocidade ou Juventude Espírita. Aí, sim, é que se verificava um salto brusco, bem acentuado, cuja causa, quase sempre, estava na dificuldade de poder acompanhar um estudo que não era feito com o mesmo discernimento e gradação a que ela, criança, já estava afeita. Frequentemente, o menino ou a menina, recém-egressos das Aulas de Moral Cristã e de pronto incorporados a uma Mocidade, viam-se compelidos a seguir o ritmo de estudos em que se detinham e compraziam jovens de há muito frequentadores dos ambientes tipicamente juvenis.

Resolvendo tal problema, o Departamento de Infância e Juventude da FEB instituiu, em fins de 1962, o chamado Ciclo de Adolescentes, cujo limite de idade foi então estabelecido entre 13 e 16 anos. Neste Ciclo, cujo programa está sendo gradativamente aperfeiçoado, como os demais da Escola de Evangelho Maria de Nazaré, o futuro candidato às Mocidades ou Juventudes Espíritas consolida e amplia os conhecimentos doutrinários, indispensáveis à sua completa integração nos quadros das mesmas, sem saltos nem sobressaltos. Os resultados têm sido plenamente satisfatórios e os mais encorajadores possíveis.

Agora mesmo, como acima dissemos, cuidamos da atualização do nosso programa geral de ensino, buscando sempre as inspirações de Mais Alto para, aliadas às nossas experiências e observações, darmos o melhor a quem tanto o merece, sem nunca perder de vista a orientação básica que, através dos anos e das labutas de afanosos dias, nos chegaram dos primeiros desbravadores do Setor de Evangelização da Criança, orientação essa que a FEB fez questão de apreender e aplicar em sua Escola de Evangelho, fazendo-a protótipo fidedigno do esforço e dedicação de quantos sinceramente se consagram ao ensino espírico às mentes infantis.

Anteriormente, cogitámos da formação de uma Biblioteca que atendesse de fato às necessidades de aprendizado e educação da infância.

A Biblioteca da Escola de Evangelho Maria de Nazaré é obra do nosso mui saudoso e inesquecível Dr. Carlos Lomba, coadjuvado pelas professoras Jacira Valente e Celina Pinto Guedes, principais responsáveis pela sua organização, posteriormente completada pelas consorores Maria da Conceição Lima e Amara Cavalcanti Moreira.

A par dos nossos cuidados e desvelos por bem darmos a infância brasileira dos melhores elementos de preservação e defesa, de orientação e conhecimentos, veio ao encontro dos nossos propósitos, de maneira verdadeiramente providencial, o auxílio inigualável e preciosíssimo do Departamento Editorial da FEB, incrementando e enriquecendo a literatura infantil de novos lançamentos, já hoje definitivamente incorporados à luxuriante bibliografia espírita.

Contamos, em nossos dias, além das já citadas — primícias de auspiciosa floração —, com as seguintes

obras indicadas à leitura da infância e dos seus preceptores: de escritores desencarnados, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier — Jesus no Lar, Alvorada Cristã e Mensagem do Pequeno Morto, de Neio Lúcio; O Caminho Oculto e Os Filhos do Grande Rei, pelo Espírito de Veneranda; Jardim da Infância, de João de Deus; História de Maricota, Timbolão e Juca Lambisca, de Casimiro Cunha (estes dois últimos de parceria com Waldo Vieira); Pai Nosso, Evangelho em Casa e Cartilha do Bem, de Meimei; Bem-aventurados os Simples (por Waldo Vieira), de Valérium. De escritores encarnados — Didaquê Espirita (edição esgotada), de Carlos Lomba; Os Milagres de Jesus, de Mínimus; História de Catarina, de R. Hermindo; e Seara Infantil, de Fernando Flores (Secretário de Assuntos Infantis do Departamento de Infância e Juventude).

Eis como, leitor amigo, assinalamos a passagem do cinquentenário da instituição, no Brasil, pela Casa de Ismael, do ensino espírita-cristão à infância.

Seus antecedentes e consequentes, seu pródromos e começos estão profunda e indissolúvelmente vinculados à gloriosa trajetória histórica da Escola de Evangelho Maria de Nazaré, berço de felizes iniciativas, cujos reais benefícios foram prodigalizados indistintamente a todos e são hodiernamente partilhados por quantos souberam verdadeiramente bem aproveitar sua inestimável contribuição à Causa da Evangelização da Criança.

Dai, neste registo, o tê-la citado com tanta frequência, mostrando a importância que ela apresenta na sequência dos acontecimentos e demonstrando a natureza da responsabilidade do Departamento de Infância e Juventude da Casa Mãe do Espiritismo no Brasil, por ter recebido esta herança do passado, a qual lhe cumpre preservar e engrandecer para o futuro, ao ritmo de crescentes e incessantes desdobramentos.

(1) "Reformador", 1914, pág. 231.

(2) Idem, 1904, pág. 372.

(3) Idem, 1926, pág. 471.

(4) Idem, 1927, pág. 257.

(5) Resenha dos trabalhos da primeira reunião do Conselho Federativo, na sede da Federação Espirita Brasileira, de 3 a 8 de Outubro de 1926, edição de 1928, pág. 147.

(6) "Brasil-Espirita", Janeiro de 1955, pág. 2.

De quem é a culpa?

*Numa dessas caçadas imprevistas,
A polícia prendeu o criminoso.
Roga o povo na fala dos cronistas
Um linchamento para gáudio e gozo.*

*E penólogos, médicos, juristas,
Pedem, usando verbo primoroso,
Nas rádios, nas tevês e nas revistas:
— Venha a pena de morte ao réu odioso!*

*Afinal, por imensa caridade,
Esse algoz da piedosa sociedade,
Que na prisão perpétua se consome,*

*Só não foi acusado de burrice,
Embora órfão desde a meninice,
Não sabendo assinar o próprio nome...*

ARTHUR AZEVEDO

(Soneto recebido pelo médium Waldo Vieira, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 21-3-64, em Uberaba, Minas.)

Jesus apazigua a tempestade

RODOLFO CALLIGARIS

"Jesus tomou em seguida a barca, acompanhado pelos discípulos. E eis que se levantou no mar uma tempestade tão grande que as ondas cobriam a barca. Ele, entretanto, dormia.

Os discípulos então se aproximaram dele e o despertaram, dizendo: Senhor, salva-nos que perecemos.

Jesus lhes respondeu: Porque tendes medo, homens de pouca fé? E, levantando-se, mandou que os ventos e o mar se aquietassem, e grande bonança logo se fez.

Os homens, cheios de admiração, diziam: Quem é este a cujas ordens os ventos e o mar obedecem?" — (Mat., 8:23-27.)

Malgrado certas aparências em contrário, tudo, na Terra, obedece a leis naturais, concorrendo para um objetivo providencial: o aperfeiçoamento de suas condições de habitabilidade e, simultaneamente, o progresso da Humanidade que a povoa.

A exemplo das incontáveis moradas do Pai celestial, disseminadas na incomensurabilidade do espaço, a Terra é governada e protegida por um Espírito perfeito, preposto de Deus: Jesus, assessorado, se é que assim nos podemos exprimir, por falanges de entidades espirituais altamente evoluídas.

A essas entidades, como agentes da vontade divina, incumbe estabelecer e manter a harmonia das forças físicas da Natureza, em cujo mister contam com o concurso de enormes massas de Espíritos, dos quais uns dirigem e outros são dirigidos, como acontece entre nós.

Presidindo aos destinos deste mundo desde a sua formação, conforme nos instrui o evangelista João (1:9-10), Jesus tinha (como ainda o tem) completo domínio sobre os que movimentam os elementos naturais, de sorte que, a uma manifestação de sua vontade potentíssima, tanto podia fazer cessar uma tempestade e serenar as ondas do mar, como promover outros fenômenos análogos, maravilhosos, sem dúvida, mas perfeitamente explicáveis, hoje, à luz do Espiritismo.

Sua ação no episódio em tela visava a despertar a fé, virtude preciosa, naqueles que o acompanhavam, pois, conhecedor profundo da psicologia humana, sabia que, sem o estímulo dessas demonstrações surpreendentes, poucos haveriam de perseverar no discipulado cristão.

Mas, que tais fatos não constituíam milagres, deu-o a entender o próprio Mestre ao afirmar: "Aquele que crer em mim (entenda-se: que se tornar uno comigo, em sabedoria e bondade, como eu o sou com o Pai) fará também as